

Apesar de Tudo

Testemunhos de fé diante de adversidades — Maria

Querida Família

ESTA BN é um pouco diferente visto que é uma compilação de histórias e testemunhos de pessoas que já partiram para receberem a sua recompensa no Céu. Relatam situações de pesar, atos de amor, de submissão, de renúncia, de compaixão e de honra, retratando o amor, o consolo, a paz, a graça e a fé que o Senhor nos dá quando nos períodos de incerteza, de tristeza, de confusão e de desencorajamento. Pedimos a Deus para que inspirem e encorajem a sua vida e relacionamento com o Senhor, ajudando-os a continuar confiando, se submetendo e obedecendo-Lhe em tudo, bem como clamando as chaves para quais-quer desafios com os quais se deparam.

O capelão

GEORGIE GRAEME (pronuncia-se “grâm”) afundou ainda mais na trincheira quando o assobio do morteiro aumentou. Ele sabia que em poucos segundos o explosivo cairia em algum lugar ali perto, transformando-se numa chuva de estilhaços incandescentes, queimando e destruindo qualquer um com quem entrasse em contato.

3. “Abaxe essa maldita cabeça, reverendo!” gritou Joe White, o sargento-ajudante do regimento, que na ocasião encontrava-se por acaso na trincheira com ele. Os soldados o chamavam de “Joe Pagão” — um homem sem dúvida corajoso, mas que conquistara esse apelido por constantemente praguejar e desrespeitar qualquer coisa relacionada a religião. Ele era, nas suas próprias palavras, “um gladiador pagão, determinado a exterminar, em batalha, tantos quanto conseguisse com sua baioneta sangüinária, e que exigia esse mesmo comportamento de todos os que serviam sob seu comando. E se alguém do seu regimento, sem exceção, se esquivasse desse dever assassino, ele o faria pagar com o próprio sangue.”

4. O exército britânico normalmente era um

pouco mais consciencioso e se certificava de que o oficial sênior de um regimento tivesse um grau de retidão mais alto do que Joe Pagão. Mas as batalhas sangrentas de Ypres na Bélgica e outras durante a Primeira Grande Guerra relegaram tal sensibilidade ao final da lista de prioridades. O objetivo principal era ganhar as batalhas, e se isso exigisse alguém como Joe Pagão, que assim fosse.

5. Georgie Graeme já era uma história completamente diferente.

6. Destinado ao clero desde que se entendia por gente, cresceu no interior, em Cornualha, no sudoeste da Inglaterra. Como sempre tiveram problemas de saúde, com crises constantes de tuberculose, não era considerado um bom partido pelas moças da região. Dedicara-se a uma vida de leitura, quase monástica, em *Christ’s College*, em Cambridge, onde recebeu seu título de doutor em Teologia, sendo depois ordenado pela Igreja Anglicana. Tornou-se então vigário num pequeno vilarejo em Cornualha. Lá, para a grande surpresa sua e de todos que o conheciam, encontrou, se apaixonou e casou-se com Meg Tavistock, a moça mais cotada da cidade. Georgie já não tinha mais os problemas de saúde da juventude, mas esse vigário magricelo e desengonçado tampouco era considerado um bom partido para a adorável e refinada Meg.

7. Contudo, eles pareciam ter uma união feliz, e logo surgiram muitos descendentes, que corriam de um lado para o outro pela paróquia onde Georgie se tornou decano* depois que o reverendo Douthy se aposentou. O mundo deles era de

Índice

O capelão	1
Padre Smith	9
Valeu a pena	12
Tive que fazer meu rosto como a pedemeira ...	14

muitas formas idílico. Era uma paróquia pequena e Georgie tinha bastante tempo para se ocupar com a sua paixão pela leitura. Ele também se tornara perito na história de Cornualha, passando muitos de seus dias em vários locais históricos, envolvendo-se até mesmo em um pouco de arqueologia como amator. A antiga cultura celta de Cornualha era a sua grande paixão e ele pediu ajuda a vários anciãos de sua paróquia para aprender a falar o celta, o idioma dessa antiga região. No fundo ele vibrava com os feitos retratados nos antigos poemas e baladas, nas histórias de heróis e de vilões, de druidas e de dragões.

8. Meg amava Georgie e seus filhos, mas vivia realizações maiores do que ser apenas a esposa do vigário e reitor* de um vilarejo. A igreja para ela representava uma carreira e sonhava estar casada com o Bispo Graeme e ser alguém não só na sociedade de Cornualha, mas na sociedade britânica. *Assim que George for bispo, ele poderá se sentar na Câmara dos Lordes e serei conhecida como Lady Margaret Graeme*, ela freqüentemente pensava. De modo que consentia essas preferências de George, enquanto maquinava, gentil e educadamente, claro, como realizar seus próprios sonhos.

9. Chegou então aquele dia fatídico, 28 de junho de 1914, e o “tiro foi ouvido em todo o mundo”. Logo a Europa inteira entrava em guerra, e as lúgubres notícias dos horrores da guerra começaram a ser uma constante nos jornais.

10. Georgie, em retrospectiva, considera o dia 15 de maio de 1915 um dia decisivo, pois foi quando recebeu uma carta do bispo de Truro (a paróquia principal de Cornualha) e Meg veio correndo toda empolgada com a carta na mão. Georgie, sentado à mesa, estava com os olhos fixos no pequeno artigo na terceira página do jornal: “Exército Procura Capelães”. A voz de Meg finalmente quebrou o estado praticamente de transe em que Georgie se encontrava.

11. “Meu bem, é uma carta do bispo!” exclamou. Abra, Georgie. Tenho certeza que são notícias maravilhosas!”

12. Olhando para sua linda Meg e sorrindo, George, pegou o envelope, abriu-o e tirou uma carta escrita à mão.

13. “O que é George?” implorou Meg.

14. “O bispo quer que eu compareça a Tru-

ro”, respondeu Georgie. “Estão pensando em separar o cargo de decano da catedral do cargo de bispo, e ele quer me entrevistar como candidato para esse posto.”

15. “Oh, Georgie, que maravilha!” exclamou Meg. “É a nossa chance de fazermos coisas mais importantes. Vai colocá-lo na fila de espera para se tornar bispo quando o velho se aposentar e você é tão jovem para um cargo desses! Que oportunidade maravilhosa. Você deveria ir logo!”

16. Georgie permaneceu sentado atônito. Meg estava absolutamente certa, era realmente uma oportunidade tremenda, e se a notícia tivesse chegado em qualquer outro dia, ele não teria hesitado. Mas há poucos segundos ele passara pela experiência mais incrível de sua vida, a sua epifania*, como denominou depois. Pela primeira vez ele teve o que só podia descrever como uma experiência espiritual. Jurava ter ouvido uma voz grave e ressonante, vinda do nada, ao ler o artigo sobre a necessidade de capelães, que lhe disse: “Sofre pois as aflições como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço se embarça com negócio desta vida, a fim de agradar Àquele que o alistou para a guerra” (2 Tim. 2:3-4).

17. Georgie conhecia muito bem essa admoestação de Paulo a Timóteo nas Escrituras, tendo-a já lido muitas vezes, mas sem nunca associar a palavra guerra no versículo à guerra propriamente dita. Naquele exato momento Georgie viu o que lhe estava sendo pedido. Ele estava sendo convocado para a missão de ministrar aos soldados nas trincheiras da Europa. Foi algo tão imprevisível que o deixou estupefato e passou o resto do dia como se estivesse em um sonho. Meg foi correndo à estação de trem comprar-lhe uma passagem para Truro para a manhã seguinte, e voltou voando para casa para arrumar sua mala. Georgie, feito um autômato, conseguiu cumprir todos os afazeres do dia, mas à noite não conseguiu pregar o olho.

18. Contemplando o rosto de Meg, deitada ao seu lado, e iluminado pela luz do luar que entrava pela janela, pensou em como ela era tão linda, e se conseguiria deixá-la. Uma lágrima rolou pelo seu rosto enquanto acariciava timidamente a face da esposa. “Senhor, Você não pode estar me pedindo para deixá-la e ir para a guerra”, orou. “Você é o Príncipe da Paz e eu sou ministro na igreja.

Deveria estar promovendo a paz, e não me envolvendo na guerra”. Esses e mais milhares de pensamentos e orações passaram pela sua cabeça. Depois de várias horas, Georgie saiu caladamente da cama, detendo-se por um momento no quarto das crianças para observar cada uma das crianças dormindo. “Jesus, estes são os filhos que Você me deu. Como posso abandoná-los? Que direito tenho eu de deixá-los sem um pai? O que é que Meg e as crianças vão fazer? Como vão sobreviver sem mim?”

19. Chegou finalmente à sala de estar, acendeu a luz e afundou-se em sua poltrona. Pegando a Bíblia da família na mesinha ao lado, orou com ela no colo: “Senhor, não tenho sido o que Você consideraria um grande obreiro na Sua seara. Tenho pastoreado um pequeno rebanho, e esse trabalho tem me dado tempo para me dedicar a certos hobbies e interesses pessoais. Não sou exatamente o que o Senhor chamaria de um ‘servo fiel’. Tenho trabalhado um pouco, mas com certeza não sou um evangelista no campo de batalha. Então, por que cargas d’água está me chamando?”

20. Aquela voz grave e ressonante surgiu mais uma vez, agora não de maneira audível como antes, mas em sua cabeça: *Muitos são chamados, mas poucos escolhidos. Pegue sua Bíblia e leia.*

21. Ao tirar a Bíblia do colo, ela abriu no capítulo 9 de Mateus. “Vendo Ele as multidões, tinha grande compaixão delas, porque andavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor. Então disse aos Seus discípulos: A seara é realmente grande, mas os ceifeiros são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que envie ceifeiros para a Sua seara” (Mat. 9:36-38).

22. George gemia por dentro porque estava ficando cada vez mais óbvio e inegável o seu chamado para ser capelão, e ele sabia que se fizesse objeções estaria lutando contra Deus. *Ovelhas que não têm pastor. Isso certamente descreve os pobres soldados d’além-mar,* pensou.

23. Folheando a Bíblia, caiu então em Lucas 10. “Disse-lhes: Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a sua seara. Ide. E vos envio como cordeiros ao meio de lobos” (Lucas 10:2,3).

24. “Praticamente as mesmas palavras”, pensou em voz alta. “Senhor, estou em grande confli-

to. Como vou conseguir fazer isso?” Mais uma vez folheou a Bíblia, na esperança de encontrar algo que lhe indicasse que devesse seguir em direção a Truro e não aos campos de batalha na França e na Bélgica. Seus olhos caíram no seguinte:

25. “Ora, aproximou-se dEle um homem e Lhe perguntou: Mestre, que bem farei para conseguir a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que Me perguntas a respeito do que é bom? Bom só há um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. Perguntou-Lhe ele: Quais? E Jesus respondeu: Não matarás, não cometerás adultério, não furtarás, não dirás falso testemunho, honra a teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Disse-Lhe o jovem: Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu. Então vem e segue-Me. O jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque possuía muitas propriedades.

26. Disse então Jesus aos Seus discípulos: Em verdade vos digo que é difícil entrar um rico no Reino dos céus. Outra vez vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. Os Seus discípulos, ouvindo isto, admiraram-se muito, e disseram: Quem poderá, então, salvar-se? Jesus, olhando para eles, lhes disse: Para os homens isto é impossível, mas para Deus tudo é possível.

27. Então Pedro Lhe perguntou: Nós deixamos tudo, e Te seguimos! O que, então, haverá para nós? Respondeu-lhe Jesus: Em verdade vos digo que vós os que Me seguistes, quando na regeneração, o Filho do homem Se assentar no trono da Sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por causa do Meu nome, receberá cem vezes mais, e herdará a vida eterna. Porém, muitos dos primeiros serão últimos, e muitos dos últimos, primeiros” (Mat. 19:16-30).

28. Os olhos de Georgie voltaram para onde dizia “ou mulher, ou filhos”. “Querido Deus”, sussurrou: “Você está pedindo demais. Com certeza não é para eu renunciar a minha mulher e filhos! Afinal de contas, estou a Seu serviço e até agora

não precisei renunciar a eles. Isso com certeza é esperar demais, e Você está me pedindo uma tarefa além da minha capacidade. Por favor, Senhor, confirme sem sombra de dúvida o que Você está fazendo. Que fique claro, sem ambigüidade.”

29. Ao folhear as páginas da Bíblia uma última vez, seus olhos caíram na segunda metade do capítulo 14 de Lucas, e ficou chocado logo com o primeiro versículo, através do qual o Senhor deixou extremamente claro o seu destino.

30. “Se alguém vier a Mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs, e até mesmo a sua própria vida, não pode ser Meu discípulo. Qualquer que não tomar a sua cruz, e não vier após Mim, não pode ser Meu discípulo. Se algum de vós está querendo edificar uma torre, não se assenta primeiro a fazer as contas dos gastos, para ver se tem com que a acabar? Para que não aconteça que, depois de haver posto os alicerces, e não a podendo acabar, todos os que a virem comecem a escarnecer dele, dizendo: Este homem começou a edificar e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil pode sair ao encontro do que vem contra ele com vinte mil? Doutra maneira, estando o outro ainda longe, manda embaixadores, e pede condições de paz. Da mesma forma, qualquer de vós que não renuncia a tudo o que tem, não pode ser Meu discípulo. Bom é o sal, mas se tornar-se insípido, como restaurar-lhe o sabor? Nem presta para a terra, nem para o monturo; e é lançado fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Lucas 14:26-35).

31. O chamado era inquestionável. Georgie prostrou-se com o rosto no tapete e chorou e orou até o alvorecer e os raios do Sol começarem a brilhar na sala de estar. Cansado, Georgie levantou-se e voltou para a cama. Meg se mexeu e abriu os olhos.

32. “Minha nossa!” exclamou, “Já é de manhã e você tem de ir Georgie Graeme! Acorde e levante-se, dorminhoco. Passei o seu melhor turno. Vista-se logo que vou preparar seu café”.

33. Meg estava tão eufórica que nem notou o rosto manchado de lágrimas do marido. Vestiu o roupão e foi correndo para a cozinha. Georgie obedeceu, vestiu-se, comeu em silêncio, e foi empurrado porta afora com um beijinho no rosto.



34. Mais tarde, naquele mesmo dia, viu-se sentado à mesa com o ancião, o Bispo de Truro, tomando chá com limão e degustando biscoitinhos e bolinhos finos. O bispo era um senhor bondoso com um verdadeiro amor por Deus e seu rebanho. Pegando uma pilha de cartas, devidamente amarradas com um barbante, o velho bispo sacudiu-as para George.

35. “Os parentes de sua esposa estão fazendo uma campanha e tanto a seu favor, meu jovem. É raro o dia que eu não receba uma carta de um Tavistock falando-me de suas maravilhosas virtudes e esplendorosas qualificações para o serviço de decano. Se eu acreditasse em tudo o que leio, puxa, acharia que estou falando com o futuro Arcebispo de Canterbury.”

36. “Perdoe-os, senhor”, disse Georgie baixinho. “Acho que falam bem demais de mim. Não fazia idéia que o estavam incomodando desta forma. Sinto-me envergonhado por estarem fazendo essa campanha por mim. Realmente não fazia idéia.”

37. “Ora, o que você me diria se eu lhe oferecesse o cargo?” perguntou o bispo.

38. “Eu me sentiria extremamente honrado e até mesmo lisonjeado”, respondeu George, “mas temo não poder aceitar. Parece que Deus tem outros planos para mim, e até ontem eu não tinha a mínima idéia deles”.

39. “O que quer dizer, meu jovem?” inquiriu o bispo.

40. George então lhe contou o que acontecera nas últimas 24 horas. O bispo ouviu atentamente, balançando a cabeça, sorrindo e fazendo algumas perguntas aqui e ali em busca de esclarecimento sobre alguns pontos.

41. “E foi isso”, disse Georgie ao terminar.

42. “Meus parabéns, meu jovem”, disse o bispo depois de uma pausa. “Deus falou com você direta e inequivocamente. Isso não é algo que acontece a todos. Deve haver um serviço grandioso para você nas linhas de frente, e não serei eu que o impedirei de atender a este chamado. Portanto vou retirar o seu nome da lista de candidatos a este humilde serviço de decano da catedral de Truro e vou recomendá-lo ao chefe do Serviço dos Capelães das Forças Armadas de Sua Majestade, para a nobre e grandiosa tarefa de ser um

apóstolo para os nossos soldados.”

43. “Mas e a minha esposa e filhos, senhor? Não sei se vou conseguir deixá-los para cumprir essa tarefa, e se o fizer, eles vão me odiar”, respondeu Georgie em desespero.

44. “Deixe sua mulher e filhos nas mãos de Deus”, respondeu o bispo. “Ninguém é mais importante do que a sua vocação, nem mesmo os seus familiares. Não perca o seu chamado, caso contrário irá se odiar por isso e sem dúvida acabará desprezado pelos seus amados. Escute o que um velho soldado de Cristo tem a dizer, pois deixei de realizar muita coisa por ter me acomodado no trabalho como bispo. Não aceite a segunda opção, não faça como eu.”

45. Contemplando o velho bispo, Georgie observou uma lágrima escorrendo pelo seu rosto enrugado.

46. “É, é exatamente o que ouviu”, disse o bispo sorrindo. “Eu poderia ter sido um missionário na China, mas me acomodei e aceitei servir na catedral de Truro. Acredite, cada dia eu me arrependo dessa decisão. Então, vá para a frente de batalha. O Senhor precisa de Seus soldados para lutarem pelas almas daqueles rapazes. Dizem que nas trincheiras não há ateu, então a seara é verdadeiramente grande, como o Senhor lhe disse.”

47. Levantando-se, Georgie beijou o anel na mão do velho bispo e depois, pondo-se de joelhos, rogou que orasse por ele.

48. O bispo fechou os olhos e impôs as mãos na cabeça de Georgie. “Querido Senhor”, orou, “abençoe este soldado que vai lutar as Suas batalhas. Ele já foi um soldado em tempos de paz, nos bastidores, mas agora Você o chamou para o grosso da batalha. Ajude-o a ir no espírito de São Paulo, Seu grande guerreiro e apóstolo de outrora. Ajude-o a saber que é pela Sua força que ele prevalecerá e pelo Seu amor que terá êxito. Ajude-o agora a lutar a batalha mais ferrenha de todas quando chegar à sua casa, que será a de explicar aos seus amados que lhe foi pedido para deixá-los e ir lutar no exterior, e que talvez nunca mais o vejam nesta vida. Conceda-lhe o Seu auxílio, porque Você não nos falha. Amém!”

49. Vá em paz, meu filho, e não decepcione o Senhor”.



50. A viagem de Georgie para casa foi a viagem mais longa e aflitiva que ele já fizera. Ficou na porta da frente da paróquia um eternidade, tentando encontrar coragem para entrar. Finalmente, girou a maçaneta. Meg apareceu na porta antes mesmo dele abri-la totalmente.

51. “Você voltou!” gritou ela, dando-lhe um abraço, toda entusiasmada.

52. Georgie a abraçou hesitante. Notando imediatamente sua reação, ela recuou um pouco para olhá-lo nos olhos.

53. “Aquele velho bispo o despachou, não foi?” disse amargurada. “Depois de tudo o que a minha família tem feito por aquele velho caduco! Ele devia ter nomeado você para decano por consideração a nós.”

54. “Não foi isso”, gaguejou Georgie. “O bispo foi muito gentil e conversamos bastante. Acho que ele teria me dado o cargo se eu...”

55. “Se você o quê?” indagou Meg.

56. “É que vimos que o Senhor está me chamando para servi-IO de uma forma diferente”, disse Georgie recobrando um pouco de confiança em si mesmo.

57. “Tem outra vaga em outro lugar?” perguntou Meg, com um súbito raio de esperança de que nem tudo estava perdido.

58. “Tem”, disse George, “mas acho que não é o que você esperava. O Senhor está me chamando para ser capelão no exército”.

59. “Capelão no exército?” disse ela quase gritando. “Onde? Como? Não é nas linhas de frente, é? Você poderia morrer! Não, com certeza morreria. Vai fazer de mim uma viúva e deixar seus filhos órfãos. Isso é o cúmulo da irresponsabilidade. Não posso e não vou permitir isso, Georgie! Seu lugar é aqui com a sua família, não lá num campo de batalha atroz.”

60. Meg afundou-se numa cadeira e desatou a chorar descontroladamente.

61. Georgie ajoelhou-se ao seu lado tentando consolá-la, orando com todas as forças para saber o que dizer. Levando delicadamente a cabeça da esposa ao seu peito, começou a falar num tom firme, mas reconfortante.

62. “Tenho que fazer isso, meu amor. É o que Deus está me pedindo, e não posso dar as costas ao Seu chamado.”

63. “Mas você está servindo a Deus na igre-

ja. Está servindo a Deus aqui. Não é justo que Ele o envie a outro lugar. Eu preciso de você, as crianças precisam de você, e as pessoas da paróquia também”, soluçou.

64. “Deus precisa de mim em outro lugar no momento”, disse Georgie. “Não seria justo nem da minha nem da sua parte recusar que eu vá onde a necessidade é maior. As tropas na frente de batalha é que mais precisam de mim.”

65. “Mas por que você? Você é um homem fraco e doente. Não é robusto como os jovens recrutas. Eles precisam de um homem de porte mais forte”, tentou racionalizar Meg.

66. “Eu não tenho a menor dúvida de que Deus me chamou”, disse Georgie com tanta calma e tranqüilidade que nem ele se reconheceu. “Não posso decepcioná-IO, senão nós dois passaremos o resto da vida arrependidos.”

67. Meg afastou-se com frieza. “Então vai ser assim mesmo?” perguntou.

68. “Infelizmente”, disse Georgie, tentando transmitir-lhe firmeza.

69. Levantando-se e arrumando o vestido, Meg deu-lhe as costas e foi para a sala.

70. “O jantar está pronto”, disse friamente. “Vou chamar as crianças.”

71. Aquela refeição, assim como os dias seguintes, foram o período mais difícil da vida de Georgie. Sem sentimento, Meg anunciou às crianças na hora do jantar, que seu pai ia para a guerra e talvez nunca mais voltasse. Elas ficaram um pouco mais entusiasmadas do que Meg e queriam saber se ele usaria farda e carregaria uma arma como todos os outros soldados. Mas ficaram desapontadas ao saberem que Georgie não teria uma arma e acharam que isso faria dele um soldado de segunda classe.

72. Georgie muitas vezes se via chorando durante o dia ao pensar no que ia perder, mas Meg nunca mais derramou uma lágrima depois da primeira reação. Ela se retraiu detrás de um exterior gelado de decoro britânico. Muitos paroquianos vieram desejar boa sorte a Georgie, e ela continuou a ser o que sempre fora — a anfitriã e esposa perfeita do pastor da cidade.

73. Mas no último dia, antes de Georgie partir, ela se desmanchou.

74. “Não consigo”, admitiu. “Não consigo odiar você. Tentei o máximo que pude, mas não

consigo. Tentei odiar a Deus e tampouco consigo odiá-IO. Quero odiar você e a Deus pelo que está fazendo, mas só me vem à cabeça que você é um homem bom e amoroso e que sou uma felizarda por tê-lo como marido. Achei que ia chegar à nata da sociedade através de você, mas o mais provável é que me torne mais uma viúva de guerra. Tenho tanto medo de perder você...” e desatou a chorar, incapaz de terminar sua frase. “Por favor, tome cuidado!” Conseguiu finalmente proferir entre os soluços.

75. Georgie também desatou a chorar. Abraçaram-se e choraram por um longo tempo.

76. “Você sabe que esta é a coisa mais difícil que já fiz na vida”, disse Georgie finalmente.

77. “Que seja mesmo!” disse Meg. “E quando você voltar, é bom ficar de vez.”

78. “Não posso lhe prometer isso”, disse Georgie.

79. “Sei que não pode”, respondeu Meg. “Mas vou ter um monte de discussões com Deus enquanto você estiver fora e vou tentar convencê-IO a deixá-lo ficar. E Ele que cuide bem de você enquanto estiver fora, porque preciso de um marido e só estou te emprestando.”

80. “Por mais que eu queira concordar com você, acho que na verdade é o contrário. Ele é quem nos emprestou um ao outro”, disse Georgie.

81. “Vocês dois me deixam furiosa!” disse Meg com um olhar resignado. “Não consigo fazer coisa alguma do meu jeito.”

82. “Quem sabe se quando eu voltar você talvez já não O tenha convencido à sua maneira de pensar?”, disse Georgie com um sorriso.

83. “Até agora não consegui”, respondeu Meg retribuindo o sorriso, “mas não foi por falta de tentar”.



84. Sua última noite juntos foi a mais maravilhosa de todas. Pareciam estar envolvidos numa certa magia, e a lembrança daqueles momentos de ternura e de dor ficou gravada na memória de Georgie, sempre voltando, principalmente quando os morteiros zuniam por cima de sua cabeça.

85. Joe Pagão esbravejava feito um louco ao lado de George.

86. “Você é ateu?” gritou Georgie em meio a toda a barulheira.

87. “Sou pagão e ímpio”, respondeu Joe enquanto ambos eram cobertos pela terra lançada devido à uma explosão ali perto.

88. “Mas você acredita em Deus?” berrou Georgie.

89. “Não faria diferença nenhuma se eu acreditasse!” gritou Joe.

90. “E por que não?” quis saber Georgie.

91. “Porque se Deus existe, eu vou para o Inferno, e se Ele não existe, já estou no Inferno. De um jeito ou de outro eu estou frito”, gritou Joe.

92. “Mas Jesus o ama, sargento, mesmo que você seja Átila, o huno, reencarnado”, gritou Georgie. Inexplicavelmente, naquele momento houve uma pausa nos estrondos, e no silêncio, a voz de Georgie foi carregada por todo o campo de batalha. Ressoaram então altas gargalhadas dos soldados que estavam próximos e que ouviram a observação do capelão.

93. “Não me constranja assim na frente dos meus homens”, respondeu Joe, rindo.

94. “O quê? Só porque o chamei de Átila, o huno?” perguntou Georgie.

95. “Não, porque disse que Jesus me ama”, respondeu Joe.

96. “Acordem, pessoal”, gritou um oficial ao longe. “Os chucrutes* estão chegando.”

97. Ao longe via-se a silhueta de um bando de soldados alemães saindo de suas trincheiras.

98. “Segurem o fogo”, gritou Joe. “Esperem até eles estarem tão perto que vocês não terão como errar o alvo. Escolham seus alvos! Esperem! Esperem! Fogo!”

99. A mortífera chuva de balas cruzou as linhas inimigas, mas os soldados continuaram em frente. Os ingleses continuaram atirando, mas os alemães chegaram às trincheiras inglesas e a luta passou a ser corpo a corpo.

100. Um sargento alemão de alta estatura jogou uma granada na trincheira perto de Georgie, que instintivamente a agarrou para lançá-la longe dali, mas ela explodiu assim que saiu da trincheira, a pouca distância de sua mão. A explosão arrancou o seu braço e Georgie caiu ao chão, fatalmente ferido.

101. “Tragam uma maca aqui”, esbravejou Joe Pagão.

102. Dois médicos correram para o lado de Georgie e o colocaram na maca. Os alemães, tendo

falhado em sua ofensiva e tendo já perdido a maioria de seu batalhão estavam recuando. *Guerra nas trincheiras não faz sentido*, pensou Joe, ao ser aliviado da pressão de ter de lutar contra o inimigo. *Eles nos atacam, nós os atacamos, milhares são mortos em ambos os lados, e tudo continua do mesmo jeito. Que idiotice! Que loucura!*

103. Joe saiu correndo atrás de Georgie que estava sendo transportado na maca por entre o labirinto de trincheiras britânicas até o hospital ambulante.

104. “Agüente firme, reverendo”, disse Joe ao alcançá-lo. “Vamos dar um jeito e o senhor vai ficar novinho em folha.”

105. “Não seja ridículo”, respondeu Georgie num sussurro rouco. “Você sabe que desta eu não saio vivo.”

106. “Nem invente de bater as botas justamente agora, reverendo”, disse Joe, contendo as lágrimas. “O seu trabalho ainda não acabou.”

107. “O que você disse?” perguntou Georgie, meio inconsciente.

108. “O senhor tem que salvar os perdidos”, respondeu Joe.

109. “Ótimo, seu perdidão irrecuperável”, sussurrou Georgie, “repita comigo: Jesus, quero que Você entre em minha vida e salve a minha alma imortal”.

110. “Não posso fazer isto, reverendo”, disse Joe, lutando para segurar as lágrimas.

111. “É melhor você fazer seu...”, sussurrou Georgie, “senão...”

112. A voz de Georgie se esvaiu enquanto sua cabeça tombava sem vida para o lado.

113. Joe, aquele veterano de guerra calejado, que já vira de tudo e parecia insensível a tudo, se quebrou. Segurando a única mão que restara a Georgie, olhou para o rosto espantosamente sereno do homem a quem secretamente mais tinha admirado no mundo.

114. “Tudo bem, vou orar, vou orar”, chorou Joe. “Jesus, este foi o melhor cara que já conheci. Ele só viveu para fazer o bem, e não merecia isto. Ele foi uma fonte de calor humano e de consolo para todos neste regimento, e eu nunca admirei tanto alguém na minha vida como a ele. Queria muito ter orado com ele quando ainda estava vivo, mas nunca tive coragem para fazer isso. Quero que Você entre em minha vida e salve a minha alma

imortal.”



115. Em dezembro de 1918, um mês depois da Primeira Grande Guerra ter chegado ao fim, um homem robusto vestindo um uniforme de sargento batia nervosamente na porta da igreja da cidade. Meg abriu a porta curiosa.

116. “Sra. Graeme?” indagou o homem.

117. “Pois não”, respondeu Meg.

118. “Meu nome é Joseph White, minha senhora. Tive o prazer e a honra de servir com o seu marido na guerra. Ele foi o melhor homem que já conheci.”

119. “Joe Pagão!” exclamou Meg. “Entre, por favor.”

120. “A senhora me conhece?” perguntou Joe surpreso ao entrar na casa.

121. “O meu marido sempre o mencionava em suas cartas”, respondeu Meg. “Nós dois combinamos de orar pelo senhor cada dia, e continuei orando mesmo depois que Georgie morreu. Que surpresa maravilhosa tê-lo aqui!”

122. “Acho que as suas orações funcionaram. Não sei como, mas sobrevivi a quatro anos da pior guerra que já houve. E aconteceram as coisas mais impressionantes para me manterem vivo. Era como se Deus estivesse me protegendo. Seu marido me fez acreditar em Deus e, mesmo morrendo, ainda orou por mim. Pedi a Jesus para entrar na minha vida naquela hora, e foi quando Joe Pagão morreu. Alguns dos meus homens começaram até a me chamar de São Joe. Ainda não sei muito sobre como ser um cristão, ir aos cultos e essas coisas, mas acho que aprendi muito sobre Deus e mudei o meu modo de ser.”

123. Meg sorriu, e para Joe foi o sorriso mais lindo que já tinha visto.

124. “O seu marido foi um sortudo por tê-la como esposa”, disse Joe. “Não entendo como ele pôde deixá-la para ir para a guerra. Ele era um reverendo, não tinha que ir.”

125. “Foi o chamado de Deus para sua vida e não podíamos recusar”, explicou Meg. “Eu bem que tentei. Infernizei as últimas semanas que passamos juntos, mas a lembrança do último dia e noite que passamos juntos é algo que vou guardar comigo para sempre com muito carinho. E, claro, suas cartas eram muito importantes para mim.

Ele me visitou no dia em que morreu, sabia? Não o vi, mas senti sua presença. Sabia que ele estava morto, mas de alguma maneira também sabia que eu não ia ficar sozinha, e me sobreveio uma paz inexplicável. Algumas semanas depois fui informada pelo Escritório do Exército de que ele morreria tentando salvar outros, jogando uma granada alemã para fora da trincheira.”

126. “Eu estava perto dele, e o que ele fez salvou a minha vida e a de muitos outros”, disse Joe. “Foi um ato extraordinário de coragem e...”

127. “Amor”, interrompeu Meg.

128. “É, amor, acho”, disse Joe, “como se ele estivesse sacrificando a sua vida pelos outros soldados”.

129. “Esse era o Georgie que eu amava”, disse Meg, “e a quem sempre vou amar”.

130. “Joe olhou atentamente para Meg e jurava que podia ver uma luz ao seu redor.

131. “Seu White...” disse Meg.

132. “Pode me chamar só de Joe”, interrompeu Joe.

133. “Joe, o que você pretende fazer agora?”

134. “Olha, como não tenho família, não tenho vínculos que me prendam a lugar algum.”

135. “O que o senhor acha de passar um tempinho aqui? O bispo me permitiu continuar nesta casa porque não há nenhum pastor que possa assumir o trabalho nesta cidade. Mas está precisando de uns reparos e não tenho condições de pagar pelo trabalho, mas se o senhor se contentar com três boas refeições por dia e um teto...”

136. “Eu me sentiria honrado, minha senhora”, respondeu Joe. “Basta me mostrar por onde começar.”

137. E foi assim que tudo começou, ou melhor, recomeçou. Como devem imaginar, Joe e Meg acabaram se casando. Sua vida em comum, porém, teve uma reviravolta, visto que ambos tornaram-se membros ativos do Exército da Salvação. Sendo Joe um ex-combatente, sentiu-se em casa numa denominação baseada na linha militar, e tanto ele quanto Meg sentiam-se chamados para o trabalho social e de evangelização. Um tempo depois, mudaram-se para Liverpool, onde realizaram grandes obras em nome da caridade, ganhando muitos para Jesus no decorrer de suas longas e frutíferas vidas.

138. De modo que a morte de uma testemu-

nha resultou em outra para tomar o seu lugar. Enquanto um era levado para Casa, para receber a sua recompensa no Céu, outro pegou a tocha. Será que por acaso não há uma tocha perto de você esperando para ser pega?

Padre Smith

Uma história de Demetrius Gallitzin

MEU NOME É DEMETRIUS AUGUSTINE GALLITZIN. Nasci em Haia no dia 22 de dezembro de 1770, filho do príncipe russo Dimitri Alexander Gallitzin e da princesa Amalie (de uma renomada família alemã). A minha família era uma das mais tradicionais, ricas e ilustres da Rússia. Era respeitada e invejada também. Dada a minha linhagem nobre, todos me previam um futuro ilustre, o que deveras aconteceu, mas não como esperavam.

140. Quando eu nasci, meu pai, Dimitri Gallitzin, era o embaixador da Rússia na Holanda. Nos 14 anos anteriores fora embaixador em Paris, onde estabelecera vínculos estreitos com os filósofos da Maçonaria, tornando-se um ateu convicto.

141. Fui criado com muito preconceito, e meus pais me isolaram de quaisquer influências religiosas. Mas Deus, em Seu infinito amor e misericórdia, recusou-Se a permitir que os sofismas* do ateísmo que me cercavam interferissem no Seu desígnio para a minha vida.

142. Em 1786, minha mãe ficou gravemente enferma e achamos que ela ia morrer, mas não morreu. Pelo contrário, ela se recuperou maravilhosamente. De alguma forma ela sabia que Jesus a tinha curado, e prometeu abraçar o cristianismo com seriedade. Foi então que passou a se preocupar com o meu bem-estar espiritual.

143. Ao completar 16 anos recebi uma carta de minha mãe dizendo como ela gostaria que eu me convertesse a Cristo. Na verdade, eu também senti necessidade de conhecer o Senhor e logo me converti.

144. Embora tivesse encontrado o Senhor e O amasse de todo o meu coração, na verdade não queria me entregar a Ele. Ingressei na carreira militar, algo que meu pai tanto queria, e que eu, um jovem amante de feitos varonis e da glória do serviço militar, também desejava.

145. Em 1792, no auge da Revolução Francesa, tornei-me o ajudante de ordens de um general

austriaco, von Lillien. Eu me sentia todo-poderoso, pois tinha tudo o que sempre desejara na vida, exceto a paz de espírito de saber que estava cumprindo a vontade de Deus. Senti o Seu chamado na minha vida, mas corri para os braços do exército, como Jonas que correu para o barco achando que aquilo o levaria para longe de Deus.

146. Tentei ser uma boa pessoa e, quando podia, ajudar as pessoas em seus maus momentos. Mas sabia pouquíssimo sobre o Senhor, de modo que não podia ajudar muito. Eu usava o fato de ter um cargo importante, para justificar a postura vacilante que tinha em relação à minha fé.

147. Quando o Rei da Suécia, Gustav III, foi assassinado, e a morte do Imperador Leopoldo II forçou a Áustria e a Prússia a dispensarem todos os estrangeiros do serviço militar, minha vida tomou um rumo totalmente diferente.

148. Como fui um dos muitos dispensados, minha única opção foi voltar para casa. Pouco tempo depois meus pais resolveram que eu deveria visitar os Estados Unidos, as Índias Ocidentais e outros países. Por um tempo me recusei, pois o meu único sonho era subir na carreira militar. Deus, porém, tinha outros planos para mim.

149. Em casa, noite após noite eu me revirava na cama tão confortável, sem conseguir dormir direito, me indagando se um dia encontraria paz para a minha alma, pois sabia que isso me faltava. Embora nunca tivesse sentido essa paz por completo, sabia que era uma dádiva que em algum momento receberia, porque houve épocas na minha vida em que me entreguei mais a Cristo, chegando a sentir levemente paz e experimentando o espírito de moderação.

150. Percebendo que, se continuasse a buscar os meus próprios planos, essa inquietação nunca acabaria, segui o conselho de meu pai de estudar na exterior e viajar, fui para os Estados Unidos.

151. Em outubro de 1792, na companhia do Padre Brosius, cheguei a Baltimore, Maryland. Para evitar a inconveniência e despesa de viajar como príncipe russo, adotei o sobrenome Smith, e por muitos anos nos Estados Unidos fui conhecido como Augustine Smith.

152. Depois de observar um pouco, fiquei atônito ao perceber que o povo nesse país era muitíssimo pobre em fé. Via ao meu redor uma gran-

de carência do aspecto espiritual, e resolvi participar do propósito do Senhor, em vez de apenas estudar a respeito do mesmo. Sendo assim entreguei minha fortuna e dediquei a minha vida para salvar almas nos Estados Unidos. Apesar das objeções de meus parentes e amigos na Europa, me tornei, com a aprovação do bispo Carrol, de Baltimore, um dos primeiros alunos do *St. Mary's Catholic Seminary* (Seminário Católico de Santa Maria).

153. Muitas vezes me vi diante da decisão de ser um missionário para este povo ou retornar à carreira militar.

154. Finalmente fui ordenado, e tornei-me o Padre Augustine Smith. O arcebispo de Baltimore me implorou para ficar na Ordem de São Sulpice, mas não era para ser. Eu sabia que tinha que ir para outro lugar, pois logo entendi que a minha nova fé me cobrava o serviço, ou seja, realizar a vontade do meu Senhor Jesus Cristo, não a minha ou a dos outros. Logo me afastei daquela sociedade e fui para onde o Senhor me queria: o oeste do estado da Pensilvânia.

155. Eu era um padre católico, e como tal, devido ao doutrinamento que recebi no seminário, discordava de muitos aspectos da igreja Protestante. A minha meta principal era ganhar o máximo de pessoas possível para Cristo, e não me concentrar em converter protestantes ao catolicismo.

156. Em 1799 construí minha casa no meio de florestas e montes rochosos. Edifiquei uma capela de nove metros de extensão, o suficiente para os poucos cristãos dedicados da área.

157. Mas o Senhor não me deixou ministrar apenas aos poucos cristãos que estavam desesperados por um padre, pois queria que eu fundasse uma colônia cristã, e que mais tarde prosperou bastante.

158. O Imperador da Rússia, Alexander I, que tinha conhecimento da minha pessoa e do meu trabalho no oeste da Pensilvânia, ficou muito zangado e não conseguia me perdoar por ter “traído o nome da família Gallitzin” e ter me tornado um padre.

159. Conseqüentemente, em 1808, foi com muita surpresa e choque que recebi uma carta de um amigo na Europa. Ele me garantira várias vezes

que, depois da morte de meus pais, eu ficaria com grande parte de sua propriedade e também parte do legado de minha mãe. O governo russo, porém, negou-me esse direito por eu ter me tornado padre. Na carta, esse amigo me contava que o príncipe alemão que minha irmã desposara recebera e esbanjara toda a herança.

160. Essa notícia me decepcionou muitíssimo, pois esperava usar minha herança para expandir a obra que o Senhor tinha me ajudado a começar. A essa altura eu já gastara tudo o que tinha, mas ainda assim me recusei a receber um centavo que fosse pelo meu trabalho como padre, pois sabia que o Senhor cuidaria de mim se eu cuidasse da Sua obra. E, deveras, Ele foi fiel em suprir, não só para mim, mas também para toda a minha casa e muitos órfãos que acolhi.

161. Houve dias bons, mas no geral as minhas dificuldades eram muitas. O mais difícil eram as batalhas e lutas no espírito e na mente, e quando os meus amigos se voltaram contra mim por ter permanecido firme nas minhas convicções.

162. Durante muitos anos eu, no geral, só recebi ingratidão por viver pelos outros. Como era um padre numa região predominantemente protestante, minhas ações eram incompreendidas, meus escritos mal-interpretados, minha honra atacada, e eu vilipendiado. Até cheguei a ser atacado fisicamente. Mas o pior foi o fato de membros do rebanho do qual eu cuidava terem agido assim contra mim. O Senhor, porém, cuidou bem de mim, e no final endireitou as coisas e tudo só serviu para expandir a Sua obra.

163. Muitos tinham conhecimento dessas minhas dificuldades, mas uma dificuldade que ninguém sabia era que, mesmo depois de me tornar padre, por muito tempo eu ainda alimentava o desejo de abandonar a minha vocação e voltar para a carreira militar. Ser padre não era fácil para mim, e na verdade, se não tivesse sentido tão forte o chamado, vestir a batina era a última coisa que eu teria feito.

164. Para mim era mais difícil abrir mão do desejo de ser militar do que de uma vida de riquezas, de comodidade e de conforto como príncipe — embora de vez em quando isso também fosse uma provação.

165. Talvez pensem que o fato de ser padre me protegia de grandes tentações, mas na verda-

de, minha vocação não me protegia, pois permiti que meu coração enfrentasse os ventos da insubmissão. Pensei que, por ninguém ter conhecimento desses meus sentimentos, então não importava. Mas importava sim.

166. Todos somos tentados e temos coisas que nos são queridas e das quais precisamos abrir mão para cumprirmos o desígnio divino para nossas vidas. Só Deus sabe qual será a sua maior prova. Esta era a minha.

167. Fui criado como um nobre, aprendendo que a honra e o prestígio eram o destino dos militares. E como de certa forma eu era um homem vaidoso, embora me considerassem “modesto”, optei por não deixar verdadeiramente nas mãos do Senhor o meu desejo de um dia voltar à vida militar. Até mesmo o termo “homem modesto” me incomodava por dentro, pois ser “modesto e fraco” não era o que eu realmente queria, mas era o que Deus queria para mim. É com alegria que afirmo que depois de um tempo preferi fazer o que Deus queria e me submeti totalmente a Ele. E não me arrependo, porque os caminhos de Deus são verdadeiramente mais altos do que os nossos.

168. No começo do meu ministério, passei por muitos momentos difíceis. Os desapontamentos, os equívocos e as más interpretações do que eu dizia, escrevia e fazia, e a traição de amigos íntimos e daqueles a quem eu amava me magoaram profundamente. A maneira como me vilipendiaram e caluniaram, e o escárnio daqueles com quem eu, como um ministro de Deus, convivia; as ocasiões em que sofri assalto físico, e muitas outras coisas que passei naquela época, me fizeram sentir afastado de todos e extremamente só. Eu me perguntava se tomara a decisão certa e se o Senhor estava realmente cuidando de mim enquanto eu realizava a Sua obra.

169. Certa noite, depois de muitos anos de serviço, lutei mais ferrenhamente do que nunca para continuar no serviço de Deus. Sentia-me extremamente só naquela noite e como se Ele tivesse me abandonado.

170. Lutando contra os ataques do Inimigo ao meu coração e pensamentos, as riquezas e os confortos da vida principesca que renunciara me vinham à mente, e o fraco estado espiritual em que eu me encontrava enfraquecia a minha determinação, de modo que comecei a suar desmedidamen-

te e a tremer violentamente, tanto que não conseguia controlar.

171. Ouvi uma voz em minha cabeça que me zombava e me dizia que Deus não Se importava comigo, que servi-LO era a escolha de um fracote, e que Ele era um Deus egoísta por ter me pedido para fazer a Sua vontade em vez de seguir os meus próprios desejos.

172. Em meu quarto, sentei-me na minha cama estreita, segurando os joelhos ao peito, contemplando a pequena janela entreaberta do quarto, balançando-me de frente para trás.

173. Sabia que este era um momento crucial para o meu ministério. Embora muitos se me opusessem, muitos outros me observavam e admiravam, e eu não queria decepcioná-los, tampouco queria desapontar o Senhor. Mas as coisas deste mundo e tudo o que poderia ser meu caso eu assim escolhesse ainda ocupavam o meu coração, e eu sabia que não podia mais continuar vacilando entre esses dois mundos. Sabia que tinha que abrir mão daquilo e nunca mais voltar a dar-lhe qualquer valor, senão teria que escolher o caminho do mundo, de toda a minha criação e de tudo o mais ligado a isto.

174. Contudo, justo no momento quando achei que certamente ia desistir de tudo, desatei a chorar e implorei ao Senhor que me tomasse e voltasse a me usar totalmente. Eu Lhe disse que mesmo se fosse tentado e posto à prova desta forma cada noite, ainda assim a minha vida seria dEle, porque, na verdade, Ele já tinha provado vezes sem conta que era realmente Deus e, como tal, digno de ser servido de todo o meu coração.

175. Foi neste exato momento que senti algo me cobrir e levar embora todas as impurezas do meu coração que nunca tinham sido devidamente entregues para serem limpas. Nesta noite me entreguei totalmente nas mãos do meu Deus de amor. Ele me deu a infatigabilidade* necessária para a vida missionária e uma coragem que nunca antes imaginei ser possível, assim como um zelo ardente que acredito ser necessário para a vida de um missionário.

176. Eu queria tanto viver a vida de um soldado, e Deus deveras me deu, porém à Sua maneira. Eu agora tornara-me 100% soldado dEle. Naquela noite, Deus abriu o meu coração e me concedeu os desejos secretos que lá moravam. Nunca havia

percebido até aquele momento o quanto eu O amava e o quanto Ele se importava comigo. O Senhor me deu o que eu mais queria de modo que pudesse usufruir disso para toda a eternidade, e ainda estou desfrutando Aqui no Céu das bênçãos de ter sacrificado os meus desejos e aspirações mundanas. Estou tão agradecido agora por Ele ter me ajudado a escolher o que era melhor.

177. Apesar de todas as dificuldades com as quais tive que conviver — e não foram poucas — minha vida foi gloriosamente coroada com bênçãos Celestiais, tantas que não as posso contar.

178. É tão fácil usar a desculpa “afinal de contas, sou humano”, mas se dermos a nossa vida a Ele e renunciarmos a nós mesmos, nos tornaremos meros vasos, e a natureza divina de Deus então poderá nos possuir e preencher. Poderemos então fazer coisas no plano espiritual com a natureza do próprio Deus.

179. Após quarenta e um anos nas escarpadas montanhas de Allegheny, morri tal como vivi a maior parte de minha vida — pobre. Eu diria, sem pensar duas vezes, que os meus anos de vida foram passados no melhor serviço que há, servindo ao melhor General que jamais poderia servir.

180. Considero minha vida e carreira muito frutíferas — mas só porque as entreguei ao Senhor para usá-las como Lhe aprovesse. Todo o mérito é do Senhor pelos muitos milhares de almas que pude guiar a Ele durante a minha vida. Jesus me deu um fruto tremendo e me permitiu ver a Sua igreja crescer, e também me deu inúmeras recompensas quando cheguei ao Céu, coisas que não trocaria por nada no mundo.

181. Fiquei cativado pela visão interior que tinha — a visão de Cristo — e nada no mundo poderia ter me satisfeito como servi-IO me satisfiz, não só no final, mas também no dia-a-dia.

182. Para viver por Cristo e permanecer firme nas minhas convicções, tive que abrir mão de muitas coisas: do meu grande desejo de progredir numa profissão na qual era bom e que tanto amava, e do desejo de ser alguém aos olhos daqueles que me conheciam.

183. Agora sei que minha vida conteve toda a magia, força e poder que Lhe era devida por eu ter sido um canal através do qual Deus pôde operar — não era o meu próprio poder e grandeza, mas sim de Cristo. Ele me fez para me usar, e quando eu

Lhe permiti fazer justamente isto, tornei-me alguém especial. Fui a pessoa que era para ser.

Pergunta: O padre Smith tinha uma paróquia tão pequena numa área rural dos EUA. Ele realmente ganhou “vários milhares de almas” para o Senhor durante sua vida?

Resposta: Quando pesquisamos os livros de História, ficamos surpresos com o impacto que ele teve no início dos EUA. Ele labutou como missionário durante cerca de 41 anos, e, segundo enciclopédias católicas e seculares, “onde antes só se encontravam uma dúzia de católicos, (na época de sua morte) constatou-se mais de dez mil”.

Ele viajou incansavelmente para ministrar ao seu rebanho e para pregar, e no pouco tempo de sobra que tinha, escrevia. Um historiador observou: “Apesar de sua labuta, o padre Gallitzin encontrou tempo para publicar vários folhetos valiosos... (e um deles), impresso várias vezes, foi causa de muitas conversões. Suas obras eram tão famosas que foram traduzida para o francês, alemão e italiano, e amplamente divulgadas em toda a Europa.”

De modo que o padre Smith amava o Senhor, foi fiel à Sua mensagem e recebeu uma coroa de vida pelos milhares de almas que ajudou a ganhar!

Valeu a pena

Uma história de Florence Nightingale

MUITOS DEVOCÊS provavelmente sabem de alguns dos sacrifícios que fiz para atender ao chamado do Senhor em minha vida. Tive que deixar para trás todos que conhecia, amava e por quem me importava para cumprir o meu chamado.

185. Foi difícil perder a companhia da minha família, dos meus amigos e do homem que me amava. Mas o mais difícil foi perder o respeito, apoio moral, força e até mesmo o amor de todos eles. Eles me rejeitaram e desprezaram. Praticamente ninguém acreditava no que eu fazia, inclusive aquelas a quem eu mais amava.

186. Fiz o que sabia que tinha de fazer, por

pura fé e convicção no que Deus tinha me dito ser certo, verdadeiro e digno de meus esforços. Com o tempo, o mundo concordou comigo, e até passou a me admirar. Mas a maior parte da minha vida eu lutei, perseverei e servi por amor ao Senhor e àqueles que precisavam de minha ajuda. Eu não via glória ou honra alguma no que fazia. A princípio fui considerada uma vergonha para a minha família, meu país e para a profissão médica. Consideravam-me uma pessoa confusa, desajustada, louca e até mesmo uma herege.

187. É fácil agora olhar para trás e dizer que não me arrependo de nada que fiz, que não tenho sombra de dúvida que valeu a pena. Agora posso ver os resultados; agora posso ver as mudanças positivas que o meu sacrifício e serviço acarretaram, não só em muitas vidas, mas também no mundo de modo geral. Na época, porém, não era assim tão claro nem fácil de ver. Longe disto! Houve muitas ocasiões em que questionei, em que vacilei, em que a minha fé e determinação quase me falharam, em que eu quase desisti, dei as costas e voltei para casa.

188. Sabia que estava fazendo o que era certo, e nunca questionei isto, mas às vezes me perguntava se conseguiria continuar. Será que seria mal vista pela minha família e amigos para o resto da vida? Será que conseguiria continuar me doando daquele jeito para o resto da vida sem receber nada em troca? Não foi isso o que aconteceu, graças a Deus, mas por uns anos enfrentei esses sentimentos e temores. Tinha que estar disposta a perseverar para sempre, quer as coisas mudassem quer não, senão não teria agüentado.

189. Se eu tivesse buscado apenas a aprovação de minha família ou do mundo, isso nunca teria sido o bastante para me manter. Eu teria me desiludido; não teria tido forças, esperança ou fé. Depositar sua fé em alguém, ou em qualquer coisa que não seja o Senhor, simplesmente não basta para ajudá-lo quando você se depara com uma escolha ou fardo da magnitude do meu. Eu simplesmente não podia contar com nenhum consolo, prazer ou promessa terrenos. Não podia contar com a palavra de nenhum homem nem mulher. Muitas promessas me foram feitas e depois quebradas — mas as promessas de Deus sempre se cumpriram.

190. Desde o começo eu sabia que por mais

que eu gostasse da companhia do homem a quem amava, não teria continuado e cumprido o chamado que Deus tinha para mim se tivesse me casado com ele. Ele não teria me seguido na vida que escolhi viver. Ele sempre foi prestativo e amável, mesmo depois de eu ter negado o pedido de casamento, mas se eu tivesse me casado, ele ia querer que eu permanecesse na Inglaterra, que fosse uma senhora da sociedade e me conformasse ao seu estilo de vida, e isso simplesmente não era a vontade de Deus para mim.

191. Eu sempre soube disso, porém, me levou anos para finalmente tomar a decisão final e resolver que não ia me casar com ele, e não só isso, mas que não olharia para trás com remorsos. Tinha de aceitar que a vontade de Deus para mim era muito melhor, muito mais sublime, mil vezes mais gratificante do que uma vida casada teria sido. Para algumas pessoas o casamento é a vontade de Deus, mas para mim não era.

192. Eu sabia disto, desde o começo, mas queria me casar, de modo que esperei durante muitos anos que talvez, de alguma maneira, eu pudesse ter as duas coisas: o chamamento de Deus para a minha vida e o homem a quem eu amava. A escolha que tive que fazer foi angustiante, mas quando a fiz, ficou claro para mim que eu não tinha realmente escolha se quisesse seguir Jesus até o fim. Só depois que tomei a decisão final de abrir mão do meu amado e das minhas esperanças e sonhos de amor, e não buscá-los novamente, é que fui libertada para desempenhar o meu papel no serviço de Deus totalmente.

193. O Senhor nunca me prometeu uma vida fácil, mas sim um lugar gratificante de serviço, e Ele cumpriu a Sua palavra até o último til. Até mesmo na Terra fui recompensada, pois o apreço e o reconhecimento que recebi daqueles a quem servi já teria sido o bastante para mim — quando finalmente aprendi a buscar aprovação em Deus e naqueles que realmente contavam, os que precisavam de mim, e me esquecer do que os outros pensavam.

194. Como eu não me importava com o que os outros pensavam, mas escolhi em vez disso seguir a vontade de Deus, no final eles me honraram. Mas se eu tivesse seguido as vontades, desejos e demandas da sociedade, teria sido apenas mais um rosto na multidão, como tantos outros que temem dar um passo de fé, de se lançarem

completamente nos braços do Senhor e não se agarrarem a pessoas ou a coisas.

195. As palavras do nosso Senhor sempre foram verdadeiras, que um profeta não tem honra em sua própria pátria e em sua própria casa. Tantas vezes o Senhor tem chamado nós que O seguimos a servi-LO de formas que certamente aborrecem aos nossos familiares e amados. A dor que isso nos causa é uma das mais difíceis de todas. Queremos que aqueles a quem amamos nos compreendam, aceitem e apóiem, e nos sentimos tão sós e destituídos sem esse apoio. Mas enquanto estivermos nos apoiando em outras coisas que não sejam o Senhor, não teremos a força de espírito que um discípulo precisa ter. Até renunciarmos o que nos é mais querido e percebermos que Deus pode nos dar a graça para passar sem isso, nunca nos tornaremos totalmente em homens e mulheres de Deus maduros e crescidos. Permaneceremos crianças no coração, criancinhas espirituais, anões emocionais, jamais totalmente desenvolvidos, nossos dons nunca serão completamente aperfeiçoados. Às vezes é preciso este tipo de purificação, essa perda, essa retirada total de todos os apetrechos, essa perda de tudo com exceção de Deus e Suas promessas, para nos aproximarmos o bastante dEle de modo a podermos ser verdadeiramente chamados de Seus discípulos.

196. Como Ele disse há tanto tempo: “Aquele que não renuncia a tudo quanto tem, não pode ser Meu discípulo” (Lucas 14:33). Isto não mudou, e continua provando ser a verdade ao longo de toda a história. O Seu chamado é o mesmo hoje que sempre foi. Mas não acaba aí. Ele não nos pede apenas para renunciarmos a tudo sem nos recompensar em troca. Eu não tenho queixas nem remorsos. Ele prometeu que aquele que renuncia a casas, ou terras, ou irmão, ou irmã, ou mulher, ou filhos, receberia cem vezes mais — e Ele nunca falhou em qualquer uma de Suas promessas. Ele foi fiel comigo. Realizou todos os meus sonhos. Ele me ajudou e me deu as forças para levar minha visão em frente, o plano dEle que ajudou a mudar o mundo. Foi só isso que eu verdadeiramente esperava, e mais intensamente desejava.

197. Mas não parou por aí. No Céu Ele me abençoou mais do que consigo acreditar. Não só estou agora reconciliada com minha família de sangue, mas milhares e mais milhares de pessoas me

amam e estão gratas a mim, e estou cercada daqueles que muito mais do que meramente me aprovam. Sou amada por muitos, e amada de uma maneira muito especial por uns poucos. E, acima de tudo, sinto constantemente a profundidade de um amor íntimo com o meu Salvador e Amor de todos os amores. Ele mais do que me retribuiu.

Tive que fazer o meu rosto como a pederneira

(Isaías 50:7)

Contado por Alex

198. SOU UM CRISTÃO — sem registro na História — com minha própria história para contar. Vivi há muitos anos durante um tempo de perseguição. Eu era jovem na época, tinha uma linda esposa e uma filhinha. Saímos de nosso país natal e fomos para outro como missionários. Nosso desejo era compartilhar o amor de Jesus com aqueles que ainda não tinham a dádiva da salvação.

199. Nossa vida como missionários foi bem corriqueira por quase três anos. Foi então que a perseguição bateu às portas da igreja. Estávamos pouco preparados para ela, mas nos agarramos à nossa fé. Neste tempo de perseguição, minha esposa ficou muito doente. Eu cuidei dela o melhor que pude até se recuperar, embora fosse difícil. Como tínhamos que permanecer escondidos, havia uma escassez de alimentos e outros itens, por isso não podíamos fazer muito para ajudá-la fisicamente. Então orávamos por ela. Orávamos e orávamos.

200. Mas Deus tinha outros planos. Descobriram nosso esconderijo enquanto eu visitava outra igreja-em-casa disfarçada. Quando voltei, não havia sinal de minha esposa e filha, nem dos outros cristãos que se abrigavam conosco. Tudo o que sobrou de nosso esconderijo foi uma bagunça de móveis, e nossas parcas possessões foram jogadas violentamente pelo chão. Meu coração quase parou. Desatei a chorar. Caí ao chão e chorei amargamente. Sentia como se tivesse sido jogado no poço mais profundo e sem esperança conhecido pelo ser humano. A alegria da minha vida — minha querida esposa e linda filha — tinha sido arrancada de mim. Tínhamos sido tão felizes juntos, tão abençoados.

201. Vinham-me memórias e mais memórias, e cada uma apunhalava meu coração, pois percebia que minha esposa e filha tinham sido levadas. Tínhamos partilhado alegres anos juntos, ensinando outros sobre Jesus. A fé que compartilhávamos era nossa maior alegria. E agora, essa fé tinha me custado algo muito precioso — minha esposa e filha. Eu não sabia onde estavam nem para onde tinham sido levadas. Tinha esperanças de que ainda estivessem vivas, mas não sabia se um dia teria notícias delas.

202. Fui a um bosque lá perto e fiquei de joelhos por horas, buscando a Deus, orando e pedindo-Lhe que me orientasse e guiasse. Ele consolou o meu coração e me deu uma visão da minha esposa e filha com uma aura ao seu redor. Não tinha muita certeza se isso significava que já tinham sido levadas para nosso Lar Celestial ou não. Só uma coisa ficou clara: as palavras que ouvi depois de ter essa visão:

203. “Você tem de deixar este país. Não é seguro aqui. Tenho um trabalho para você. Você tem de permanecer vivo para pregar a Minha mensagem e trazer os perdidos a Mim. Deixe sua esposa e filha em Minhas mãos. Eu reunirei você à sua família no Meu tempo.”

204. As palavras eram muito claras, muito altas e vívidas. Queimavam em meus ouvidos ao passo que minhas lágrimas queimavam meu rosto. Não havia nada que eu pudesse fazer. Eu ou renegava a minha fé e meu Deus, ou O obedecia. Afinal de contas, eu acreditava e professava que Ele sabia o que era melhor. Agora chegara a hora da purificação, do pranto, da perseguição, e eu questionava se neste tempo de tamanhas dificuldades e agonia eu permaneceria fiel. Sabia que era o que tinha de fazer.

205. Tinha recebido meu chamado e obedeci, mas foi com o coração pesado. Pedi perdão a Deus pela minha falta de fé e paz, pois lutei para obedecer. Saí do país vagorosamente, ainda sentindo um grande peso, e disfarçado com a maior cautela, porque agora a perseguição aos cristãos estava bem alastrada. Preocupei-me com a minha esposa e filha. *Será que ela tinha morrido? E a minha filha? Que teria lhe acontecido?* Só podia entregá-las ao Deus a quem servia em oração. Tinha então que fazer o meu rosto como a pederneira, como diz na Bíblia, e seguir com a minha tarefa.

206. Nos próximos dois anos, vivi num país vizinho onde as pessoas eram receptivas e quebrantadas. Onde as almas dos homens, mulheres e crianças entravam para o reino dos Céus aos montes e numa velocidade surpreendente. Eu era feliz porque a mensagem estava sendo pregada. Só desejava que minha esposa e filha pudessem estar lá e participar de tudo aquilo. A dor que senti ao renunciá-las foi muito grande. A admoestação ao meu coração continuava forte. Deus tinha me dito para deixá-las para trás, para seguir em frente, confiá-las às Suas mãos, para renunciar a elas e fazer o que Ele tinha para mim.

207. Às vezes parecia duro, quase cruel. Em outros momentos tinha que me decidir se ia acreditar e confiar em Deus, ou abrir mão de tudo do que eu sabia e no qual acreditava e viver minha vida sem a orientação de Deus. Eu sabia que a minha querida esposa não ia querer que eu fizesse isso. Ela sempre me incentivou a colocar meu dever para com Deus primeiro, depois o nosso compromisso um com o outro. Eu sabia o que ela iria querer que eu fizesse, mas às vezes era quase difícil demais para mim.

208. Vivi mais muitos anos. Passaram-se quase 10 anos antes de eu ver alguma prova tangível de que tinha feito a escolha certa, antes do meu coração ter certeza concreta. Claro que eu tinha a Palavra de Deus na qual me firmar, mas em tempos de sofrimento e grande sacrifício pessoal, às vezes nos falta fé em Deus, e a Sua Palavra não nos parece ser suficiente. Que triste.

209. Deus, em Sua misericórdia, me deu uma palavrinha sobre a minha família, através de uma senhora, alguém que morava conosco em nosso abrigo cristão muitos anos antes. Eu a encontrei por acaso em uma reunião de cristãos, e seu rosto se iluminou e ela chorou ao me contar a história do que havia acontecido naquele dia fatídico.

210. “Quando deram a batida no nosso abrigo”, explicou, “eu estava no corredor secreto. Tive a oportunidade de escapar, e senti Deus me guiando a isso, de modo que fugi. Mas antes vi e ouvi a sua esposa ajoelhando-se no chão, com sua filha no colo, em oração. Ela estava em perfeita paz perante Deus, Sabia o que estava acontecendo e orou em voz alta por você. Ela disse: ‘Dê forças ao Alex para fazer a Sua vontade. Deixe-o viver e continuar livre para pregar as Suas Pala-

vas. Permita-lhe continuar a cumprir o chamado que Você nos deu anos atrás quando Lhe entregamos nossas vidas. Dê-lhe coragem para seguir em frente, para não olhar para trás, para ver que Você o chamou para continuar, embora agora sozinho. Eu Lhe imploro, Jesus, que Lhe dê determinação para abrir mão de nós, para que possa realizar o que Você está pedindo dele.’

211. Deus tinha falado ao seu coração e Lhe dito o que ia acontecer. Ela sabia até mais claramente que você quais eram os planos de Deus, e seu rosto brilhava. Ela não tinha medo algum. Sabia que seu trabalho estava terminado e orou fervorosamente por você entender e aceitar sua nova tarefa. Ela implorou a Deus para Lhe dar forças para aceitar, sabendo o preço alto que tinha a pagar.”

212. Nós nos abraçamos pelo que pareceu uma hora. A paz de Jesus lavou o meu coração e me revigorou. Eu tinha seguido. Tinha obedecido. Tinha feito o que o meu Deus me pedira. E em troca, embora o sacrifício e a renúncia tivessem sido grandes, eu agora fora recompensado. Tive a certeza de saber que Deus tinha dado à minha esposa forças para encarar a morte. Tinha ouvido boatos de que elas tinham sido executadas com muitos outros cristãos. Nunca soube ao certo até chegar ao Céu, mas sempre soube por certo que tinha ouvido a voz de Deus. Ele tinha me pedido algo praticamente impossível, mas quando me submeti à Sua vontade, Ele me deu a graça dia a dia, e como resultado, não só guiei milhares de almas para o Reino, mas também cumpri a última oração da minha esposa, dando-lhe grande alegria ao aquiescer à vontade do meu Salvador.

213. Já nos reunimos maravilhosamente. E embora o sacrifício e a renúncia da minha família fosse por vezes avassalador, meu amoroso Salvador me ajudou. Recebi graça e mais recompensas do que jamais mereci por colocar meu Jesus em primeiro lugar.

214. Qualquer sacrifício, não importa por quanto tempo ou quão difícil seja, desaparece numa fração de segundos quando você chega ao Céu. É-lhe pago não só em sua totalidade, mas inúmeras vezes mais. As palavras “tudo vale a pena” não descrevem nem de longe a verdade que as promessas do nosso Salvador representam.

215. Nunca me arrependerei do sacrifício e da renúncia que fiz, e voltaria a sacrificar de boa men-

te qualquer coisa que Jesus me pedisse, porque aprendi por experiência pessoal que o amor de Deus é enorme e Sua ternura avassaladora, e que Ele nunca nos pede algo que seja difícil demais, a não ser que seja absolutamente necessário.

216. Ao fazer uma retrospectiva de minha vida e viajar no tempo para aquele momento angustiante quando ouvi o chamado de Deus de renunciar à minha esposa e filha, sem saber qual seria a sua sina, vi Jesus ao meu lado, chorando — chorando comigo, chorando por mim, orando por mim e sustentando-me. Soube então que não se pede nada de um filho de Deus que não seja vital para cumprir o propósito para sua vida e o plano ao qual deu sua vida.

217. Então, tenha coragem para fazer sacrifícios, e nas suas provações e renúncias. Nada que você der valerá mais do que o amor de Jesus e a vida de felicidade que serão seus para sempre se fizer a vontade de Deus.

Glossário

Seguem-se definições de palavras marcadas com asterisco nesta Carta, em ordem alfabética. Os significados são relativos ao uso da palavra no texto, e não incluem cada sentido da palavra. Por favor, consulte em seu dicionário as palavras ausentes nesta lista.

chucrute: (subs.) apelido para alemães em algumas regiões do Brasil.

decano: (subs.) dignitário eclesiástico, que preside ao cabido (corporação dos cônegos de uma catedral).

epifania: (subs.) manifestação de Jesus Cristo a alguém. Originalmente, aos gentios na pessoa dos Reis Magos que O vieram adorar.

infatigabilidade: (subs.) qualidade de infatigável; que não se cansa.

reitor: (subs.) na Igreja Anglicana, eclesiástico encarregado da administração duma paróquia e do recebimento dos dízimos paroquiais.

sofisma: (subs.) argumento falso formulado de propósito para induzir outrem a erro.